



- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos

MUDAR A EDUCAÇÃO

OS QUE SABEM MAS NÃO FAZEM

*Falam de dança, mas não sabem dançar.
Falam da verdade, mas não a põem em prática.*

Dizem tudo o que há a dizer sobre o poema, mas não o cantam.

Servem de guias aos visitantes do templo, mas não rezam.

Comentam os grandes livros, mas não os lêem.

Explicam a língua, mas não a falam.

Andam à volta, por cima, por baixo, ao lado de; falam sobre, a propósito de, em função de. Explicam, justificam, criticam, analisam.

A sua ciência e o seu refinamento são ex-

tremos. Mas nunca estão por dentro, nunca falam a partir de dentro, do lugar onde as coisas verdadeiramente se passam.

A esta observação eles abanarão, certamente, a cabeça, num gesto de aprovação, um pouco irritados pela evidência: não explicaram já mais de cem vezes que é preciso estar de dentro e falar a partir daí?

Nada a fazer: nunca poderão lá chegar, perderam a capacidade ingénua de aprender — ou melhor: nunca a souberam atingir.

*Maurice Bellet
in «Le lieu du combat»
Desclée, Paris 1976*

O SISTEMA EDUCATIVO EM QUESTÃO

Depois de 15 anos de declarações solenes sobre a revolução pedagógica é forçoso constatar que o panorama da educação permanece, no seu conjunto, igual a si próprio. Mesmo quando se deram modificações, elas guardaram um carácter pontual. As estruturas institucionais e metodológicas mantiveram-se, no essencial, imutáveis.

O sistema educativo está ainda fortemente dominado pela selecção. O modelo escolar tradicional, com o seu cortejo de lições e deveres, exames e diplomas, eleitos e rejeitados, promoção dos mais brilhantes e marginalização dos menos dotados, permanece intocável, quaisquer que sejam os sistemas políticos ou os níveis de desenvolvimento. A educação é ainda e sempre o domínio da hierarquia, da divisão do saber

e da uniformização dos modelos. Em vez de serem as formas de educação a adaptarem-se ao estudante, tendo em conta as suas diferenças e particularidades, é o contrário que se produz, com resultados bem conhecidos.

Face a esta situação, que escolhas se apresentam àqueles que pretendem continuar a lutar por uma nova perspectiva de educação?

Como fazer triunfar a nova educação contra os poderes de todas as espécies — poderes económicos, políticos, familiares, ideológicos — para quem a salvação consiste, necessariamente, na submissão aos modelos tradicionais, garantes da ordem e da disciplina?

As forças de resistência e de oposição não serão forçosamente superiores aos ideais abstractos de alguns grupos de teóricos ou à prática de alguns educadores zelosos?

DO SABER ESTÁTICO...

Ao processo educativo, tal como é conduzido na escola, na universidade, o educando só interessa na medida em que é capaz de adquirir saber. Torna-se assim objecto de uma primeira abstracção. Com efeito, da riqueza e da complexidade das dimensões do ser corta-se arbitrariamente uma fatia — a do conhecimento — que se encara como se fosse a expressão fundamental do fenómeno humano. Como justificar que na formação de um homem ou de uma mulher, na preparação para as diferentes tarefas, responsabilidades e situações que ele ou ela terão que assumir, se menosprezem factores tão importantes como o corpo, o coração, a percepção estética do mundo?

Por outro lado, o próprio saber que se torna objecto de transmissão é um elemento que apenas tem relações episódicas e artificiais com a realidade objectiva do mundo. É um saber estático, desnaturado, que preenche na sociedade uma série de funções que pouco têm a ver com o conhecimento autêntico e a percepção justa da realidade. Na medida em que é transformado em programas, este saber tende a converter-se em coisa. É uma mercadoria que, como todas as mercadorias, entra num sistema de comércio e se torna objecto de apropriação.

Como qualquer objecto, o saber torna-se posse de um indivíduo, um grupo, um meio, uma sociedade. Pode ser oferecido ou retido, posto à luz ou guardado em segredo. É transferido dos que o têm em sua posse

para os que dele carecem. Enquanto o verdadeiro conhecimento é, por natureza, um acto espiritual, de ordem vital, que por isso escapa a toda a medida ou avaliação, o saber de tipo escolar ou universitário é de ordem quantitativa. É um bem que se possui em maior ou menor grau, que se ganha ou se perde. A quantidade de saber que uma pessoa armazenou e de que pode prestar provas faz com que ela fique classificada de um lado ou de outro das barreiras sociais, mais acima ou mais abaixo na escala das distinções, vencedora ou derrotada nas grandes competições da existência.

Este saber tem uma função social eminente. Está repartido, de modo profundamente desigual, segundo as castas, os meios e as classes. A medida que alguém se eleva na hierarquia das funções e das situações, a acumulação de saber abstracto, de saber livresco, desenvolve-se cada vez mais. As noções de saber e de poder tendem progressivamente a sobrepor-se, qualquer que seja o domínio — político, administrativo, espiritual ou intelectual. Nesta ordem de ideias, a sociedade estabelece três níveis de saber que correspondem à estrutura do ensino, a qual, por sua vez, reflecte a estrutura da sociedade: há um «saber primário», um «saber secundário» e um «saber superior», correspondendo aos modos de elaboração, de expressão e de comunicação da escola primária, da escola secundária ou da universidade.

UM SISTEMA A ULTRAPASSAR

Será o nosso sistema educativo capaz de preparar indivíduos e grupos para viverem felizes num mundo caracterizado pela mudança constantemente acelerada?

Será o nosso sistema educativo capaz de resolver as tensões sociais que se tornam cada vez mais explosivas?

Será o nosso sistema educativo capaz de nos preparar para vivermos como seres responsáveis, e para comunicarmos uns com os outros, num mundo onde aumentam as tensões internacionais e onde vemos desenvolverem-se nacionalismos absurdos?

Serão os educadores capazes de fazer face à revolta crescente dos estudantes do ensino

secundário e do ensino superior, revolta que se insurge contra o conjunto do nosso sistema de valores, contra o carácter impessoal das nossas instituições de ensino, contra os programas impostos?

Será o nosso sistema educativo capaz de fazer face aos problemas concretos da vida moderna, quando esse sistema é, sem dúvida, a instituição mais tradicionalista, mais conservadora, mais rígida, mais burocrática do nosso tempo?

*Carl Rogers
in «Liberté pour Apprendre»
Dunod, Paris 1976*

...À APRENDIZAGEM DINÂMICA

Aquilo que, por oposição ao saber estático, chamaremos **aprendizagem dinâmica**, situa-se numa perspectiva radicalmente oposta. Rompe com todas as tradições e com um conceito de formação exclusivamente submetido aos imperativos sociais e políticos. Corresponde a uma outra escolha, a uma outra aposta sobre

o homem e sobre o seu destino. Volta costas à segurança e ao conformismo que ela gera, esforça-se por responder a uma outra aspiração fundamental da natureza humana: a aspiração do risco, da aventura, da descoberta, do instinto poético prematuramente reprimido. Em contraste com a perspectiva que se contenta

com a transmissão de um saber totalmente elaborado e codificado, a nova educação procura revelar aos homens — a cada pessoa — a natureza e a extensão das suas capacidades.

A quantidade de saber de que dispõe um indivíduo e a sua aptidão para o utilizar não são, certamente, factores desprezíveis, mas, numa ordem autêntica e completa da educação, deveriam ocupar apenas um lugar muito relativo. Este saber não é senão um fragmento de um domínio infinitamente mais vasto e significativo, o da **experiência da vida**. É esta experiência o domínio próprio da acção educativa; é ela que dá conteúdo a todas as formas de aprendizagem e que dá à aprendizagem a plenitude da sua significação.

Como já tantas vezes se tem dito, não é ao nível do **ter** que se situa o acto educativo, como se se tratasse de uma apropriação maior ou menor, mas ao nível do **ser** — ser cada vez mais, em realidade e em actos, aquilo que cada um de nós é virtualmente; ocupar cada vez mais o espaço de vida que nos é dado. Aprender a ser é tomar posse, progressivamente, não de uma realidade exterior que parece escapar-nos, mas daquilo que está permanentemente à nossa disposição e que corre o risco de permanecer embrionário se não for suficientemente exercitado — a personalidade física, moral e intelectual de cada indivíduo.

Em resumo, não está em causa um saber, por mais vasto que ele seja, mas uma **capacidade**; não se trata de aprender uma lição, mas de inventar a cada momento a resposta apropriada à solicitação, à interrogação, ao convite, à oferta ou à procura que nos é feita. O acto de aprender ultrapassa assim, largamente, a acepção tradicional que lhe está associada. Designa, em relação ao mundo, uma atitude activa e organizada que converte cada elemento da experiência num saber original, numa aptidão ou num comportamento. Na base e na raiz de cada aprendizagem verdadeira está uma invenção e uma descoberta.

O facto de considerarmos a aprendizagem como o desenvolvimento de aptidões e de capacidades dá à educação um carácter permanente. Com efeito, não há limite, nem de tempo nem de espaço, para o desenvolvimento de uma capacidade. O saber, tal como é definido nos programas e encerrado nos ciclos de ensino formal, tem um começo, um desdobramento e um fim. Na medida em que se presta a verificações em que é sancionado por exames e em que prepara para carreiras, não deixa lugar para espaços em branco. Só existe na medida em que se orienta para um fim. A educação que corresponde a uma aprendizagem permanente é de uma natureza totalmente diferente. Tem como único começo o primeiro dia da vida e como único fim o último suspiro da existência.

NOVOS MODELOS DE EDUCAÇÃO

Perspectivada em termos de aprendizagem ao longo de toda a vida a educação implica não só novas formas de encarar o ritmo estudo/trabalho como, sobretudo, novas formas de conceber o próprio processo educativo.

Ao ensino transmitido antes da experiência, sem qualquer relação com o vivido, sucede-se o ensino a partir da experiência e em função da experiência.

A uma educação concebida em função da adaptação das pessoas às necessidades do mercado

do trabalho, substitui-se uma educação concebida em função da realização das pessoas e da qualidade de vida de toda a sociedade.

Tal é o significado de certas experiências pioneiras de educação de adultos, cujos resultados começam já a abrir uma brecha visível na fortaleza gigantesca dos sistemas escolares.

T. S. C.
Groningue, 1977

PARA UM NOVO CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Se é verdade que o homem pode e deve continuar, ao longo de toda a sua vida, a instruir-se, a formar-se, a qualificar-se, a progredir na ordem intelectual, na ordem afectiva, na ordem moral, nas suas relações com os outros e com a sociedade, torna-se óbvio que os conceitos, as estruturas e os processos educativos terão que ser radicalmente modificados. É a própria concepção do processo de aprendizagem que é posta em questão, exigindo mudanças profundas nos fundamentos e no funcionamento das estruturas existentes, sobretudo ao nível da infância e da adolescência.

Qual é, com efeito, o objectivo fundamental da educação ao nível primário, secundário e universitário? Tradicionalmente este objectivo é imposto pela divisão da vida em dois períodos: um período de preparação e um período de acção. Nas sociedades primitivas a formação fazia-se através do próprio meio, por intermédios dos anciãos, daqueles que dispunham do saber e dominavam as técnicas. Esta preparação terminava no chamado período de «iniciação» a partir do qual o ser humano era projectado numa nova idade — a idade adulta — onde permanecia instalado. Nas nossas

sociedades assistimos à elaboração de ritos da mesma ordem, os exames e os diplomas, que põem fim à idade de preparação para a vida. Uma vez passado o exame final — aos 15, 20 ou 25 anos — a pessoa considera-se equipada, considera que dispõe da bagagem intelectual, das referências, dos termos, dos comportamentos, dos hábitos e dos costumes que lhe permitirão desempenhar, na sociedade adulta, um papel adequado às suas capacidades e ao seu estatuto social.

A vida é assim: cortada em duas partes, de tal modo que o objectivo da educação inicial é o de equipar o futuro adulto, preparando-o para desempenhar os papéis que tiver que assumir ao longo da sua existência. Nesta perspectiva, a educação propõe-se, sobretudo, recheiar as cabeças das crianças e dos adolescentes com noções tão abundantes quanto possível. É a esse capital acumulado que eles terão que recorrer para que a sua vida seja bem sucedida.

Se, pelo contrário, considerarmos a educação como um processo contínuo que se prolonga ao longo de toda a existência, o papel da escola é radicalmente modificado. Cabe-lhe apetrechar, com a maior eficácia, o período preliminar à verdadeira educação. Num sistema coerente de aprendizagem permanente, a educação, no seu sentido pleno, começa para além da idade escolar, quando o homem se torna sujeito da sua própria formação, dispondo das motivações necessárias para continuar a instruir-se e a desenvolver-se.

A educação escolar, em vez de ter como eixo fundamental um trabalho de aquisição, converte-se numa espécie de prelúdio. Mais do que ensinar «matérias», cabe-lhe fornecer ao futuro adulto os instrumentos de expressão e de comunicação de que ele terá necessidade ao longo da vida. O acento passa assim a ser posto sobre o domínio da linguagem, o desenvolvimento das capacidades de atenção e de observação, a aprendizagem da investigação, o hábito de trabalhar em equipa.

A concepção da educação como aprendizagem que se prolonga ao longo de toda a vida tem incidências sobre toda a teoria e a prática educativas, da universidade à escola, da família ao meio social. Impõe-se repensar, com o rigor e a audácia necessários, os modos de instrução e de formação que melhor se adaptam a cada fase da existência, do nascimento à morte, numa espécie de continuum lógico.

Cada período que vivemos apresenta, com efeito, a dupla característica de ser, ao mesmo tempo, uma fase original e insubstituível e uma preparação para fases ulteriores. Cada uma destas etapas deveria ser vivida intensamente e proporcionar a cada ser humano o seu contingente de experiências, de prazeres, de satisfações, no longo processo através do qual o homem descobre a verdade do seu ser. É na medida em que o indivíduo vive plenamente um período da sua vida, que ele se encontra preparado para outros períodos.

Deixa, assim, de se poder falar de uma idade própria para a educação. Estar aberto para a aprendizagem é uma maneira de viver, uma maneira de estar no mundo, uma maneira de estar desperto para as coisas. Há as pessoas atentas e as pessoas que não prestam atenção. Há os que procuram a todo o custo uma segurança e os que, pelo contrário, não só aceitam como afrontam alegremente o risco, a aventura da prova.

O modo atento de estar no mundo é o modo característico da educação permanente. Estar atento é entrar numa corrente de vida oposta à do adormecimento, mais ou menos disfarçado, em que mergulham aqueles que, num dado momento, desistiram de continuar a sua formação e se deixaram progressivamente dominar por conformismos e estruturas já feitas.

Paul Lengrand
texto policopiado
UNESCO 1978

PARTE, SARA

Ouve-me, Sara, ouve-me.

*Disseram-te: minha filha, tu és isto e aquilo.
E eu digo-te: tu és como és, Sara.*

*Disseram-te: as coisas são o que são. Querer
que elas sejam outras é tolice e pecado, presunção,
sonho infantil, revolta. E eu digo-te: transforma
o mundo, Sara.*

Disseram-te: faz bem o que tens a fazer, res-

*peita a lei, ocupa o lugar que te é devido. E eu
digo-te: parte, Sara.*

*Disseram-te: minha filha, vela pela tua saúde,
procura ser normal e sã e comportar-te sempre
como deve ser. E eu digo-te: muda a tua fraqueza
em força e sê livre, Sara, minha irmã.*

Maurice Bellet
in «Les survivants»
Gallimard, 1974

Publicação mensal. Assinatura anual: 100\$00; estrangeiro 180\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes.

Propriedade e administração: GRAAL — Al. S.^o António dos Capuchos, 4, 5.^o, Lisboa. Composição e impressão: Silvas — Coop. de Trab. Gráficos, scrl.